



COBRA ENGOLINDO COBRA AVANÇO DOS TRABALHADORES

Editorial

A moeda americana — o dólar — tomba a nível mundial. Em Nova York, em Tóquio, em Londres, nos maiores centros do capitalismo mundial se assiste a queda da moeda americana conjuntamente com a queda das ações das maiores empresas do mundo capitalista. Os lucros se reduzem, os capitalistas se desesperam, e se assiste a luta dos patrões contra os patrões, se assiste cobra engolindo cobra.

No Brasil, nós trabalhadores vemos agora o avanço da violência dos patrões tentando defender os seus lucros, ocorrem demissões em massa conjuntamente com todas as tentativas de reduções salariais e aumento da jornada de trabalho. O governo brasileiro, governo dos patrões, é cúmplice de tudo isso justamente porque é governo dos patrões, e coloca isso claramente na sua atual política salarial de arrocho e exploração da classe trabalhadora. Mas a classe trabalhadora brasileira responde à altura diante dos ataques da classe patronal. A recente grande greve da Autolatina é apenas uma demonstração da nossa força diante deste ataque dos patrões. Só em São Bernardo do Campo mais de 40.000 trabalhadores entraram em luta contra o arrocho salarial dos patrões e do governo dos patrões.

A Autolatina, a união da Ford e Volks do Brasil e da Argentina, agora quer cobrar a conta da greve dos operários de suas fábricas. Quer cobrar a conta desobedecendo e enfrentando o plano Bresser, aumentando os preços dos automóveis segundo os seus interesses capitalistas patronais. Mas o que dizer então do plano Bresser? É outra flor que a classe trabalhadora não pode cheirar. O próprio Bresser Pereira é um dos grandes dirigentes do Grupo Pão de Açúcar, um grupo do capital internacional que age no Brasil. É cobra engolindo cobra: é patrão contra patrão.

Os patrões da Autolatina apertam o governo cobrando medidas enérgicas contra os trabalhadores. Isto é, a estrutura policial do Estado para massacrar as greves. Eles lutam entre si, patrão contra patrão. Mas os trabalhadores já estão crescidos suficientemente para este desafio. Se em tempos passados no estádio da Vila Euclides (ABC) o próprio segundo exército foi desafiado, agora temos mais armas: centrais sindicais e a organização interna dentro das fábricas — as comissões de fábrica. Tudo isso, uma experiência de luta que se desenvolveu dentro das próprias fábricas da Autolatina.

Se cobra engole cobra, a resposta é trabalhador contra patrão, é trabalhador avançando rumo à sua vitória.



Assembléia na Volks que decidiu pela greve

Foto Fernando A. Rodrigues

Adiante João Teodoro Cassimiro Boiadeiro!

Da nossa reportagem local

**Na boiada já fui boi
Boiadeiro já fui rei
Não por um motivo meu
Mas por necessidade**

Osasco, dia 9 de novembro, 6:45 da manhã.

Arracando a camisa cinza da Braseixos, em Ato Público na porta da fábrica, e vestindo a camiseta vermelha da CUT, João Teodoro Cassimiro, o Boiadeiro, encerrou a sua greve de fome de uma semana, dizendo aos seus companheiros: "Vou dar um recado pros patrões, vou tirar para sempre a camisa da Braseixos desse meu corpo magrela que emagreceu mais nestes dias e vou vestir a camisa de luta, a camisa da Central Única dos Trabalhadores. A luta continua".

Os companheiros de Boiadeiro e os seus ex-patrões sabem bem o que significa esse recado. Uns — os seus companheiros — ficaram alegres. Outros — os seus ex-patrões — ficaram com medo. Esse último recado de

Boiadeiro significa que João Teodoro continuará, mesmo fora da fábrica, denunciando as injustiças e as arbitrariedades que os chefetas e os patrões cometem na Braseixos, como fez durante os quase doze anos que trabalhou nessa fábrica.

João Teodoro Cassimiro nasceu em 22 de novembro de 1954, na cidade de Timbura, interior de São Paulo, filho de Messias e Elvira, apesar dos anos e anos de São Paulo jamais perdeu o jeito simples e o sotaque interiorano e daí veio em parte o apelido carinhoso dado pelos seus companheiros: "João Boiadeiro". Mas o "João" é também o "Boiadeiro" porque os companheiros reconhecem nele o condutor da peçoada da fábrica. Por isso foi eleito por duas vezes, de longe, como o cipeiro mais votado da empresa. Foi também um dos representantes da Braseixos na chapa da CUT que concorreu às últimas eleições do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco. E, se devido à fragilidade estrutural dessa chapa de opo-

sição, a chapa situacional ganhou da maneira esmagadora em quase todas as fábricas de Osasco, lá na Braseixos foi diferente. Lá ganhou a CUT, e como reconheceu armagamente o próprio pessoal da chapa 1 ao abrirem-se as urnas: "É, na Braseixos não ia dar mesmo, o Boiadeiro tem mesmo trabalho". Basta lembrar que ele, individualmente, foi aquele que conseguiu de longe o maior número de sindicaliza-

ções em Osasco.

Agora, após uma semana de greve de fome acampado dia e noite diante da fábrica, Boiadeiro mostrou mais uma vez que sabe meter medo nos patrões, nos chefetas e nos pelegos. Mostrou também mais uma vez que tem coragem e que é com coragem que se luta.

Adiante Boiadeiro, e com toda a peçoada da fábrica, com a CUT e o PT, a luta continua.

Entrevista

Corneta — Por que você resolveu entrar em greve de fome?

Boiadeiro — Resolvi entrar em greve de fome contra as injustiças que os patrões cometem contra os trabalhadores, porque eu tenho uma cirurgia a ser feita e eles me demitiram sem alegar por qual motivo. Então eu resolvi tomar esta atitude. Quando o trabalhador se vê cercado ele tem que buscar uma alternativa, então eu achei que essa seria uma alternativa. Colocando minha vida em risco, mas pensando que é preciso lutar. Não estou querendo ser nenhum herói, mas estou tentando ver se se diminui essas injustiças contra os trabalhadores que como eu trabalham nesta fábrica. Mesmo que eu até morra, quando me prontifiquei a entrar na luta, nesse tipo de protesto, pensei bem que poderia ocasionar até a morte, mas eu pensei na maioria do

povo que está dentro da fábrica sendo injustiçado.

Corneta — Quantos anos de Braseixos você tem?

Boiadeiro — Quase doze anos de Braseixos e justamente agora eles me demitiram. Agora que eu precisava mais deles por causa da cirurgia, mas "precisava" é jeito de falar, era meu direito justo, era o mínimo direito que a gente tem depois de quase doze anos de firma e eles me demitiram antes da cirurgia, sem alegar qualquer motivo e fazendo uma puta pressão. Eu procurei o chefe dos médicos da Braseixos, o Dr. Tadeu. Ele bateu a porta na minha cara, não atendeu, queria só jogar eu pro sindicato, como coisa que eu fosse empregado do sindicato. Então, revoltado, eu resolvi tomar essa atitude e não me arrependo. Os companheiros, todos estes dias vêm falar comigo e dizer: "é isso aí Boiadeiro".



Foto do Corneta

Filizola

Da nossa reportagem local

O companheiro Luciano cipeiro da Filizola, foi demitido no último dia 3 de novembro. A Cipa eleita pelos companheiros da Filizola deveria tomar posse no dia 1.º de novembro, mas por ser um sábado, a posse foi transferida para 3.ª feira seguinte. Ao chegar na fábrica no dia 3 o torneiro Luciano foi impedido de entrar e logo veio um funcionário do departamento pessoal trazendo a carta de demissão.

O desrespeito da Filizola pelos trabalhadores parece não ter limites. Os companheiros eleitos tinham feito uma campanha baseada nas necessidades dos trabalhadores que reclamavam que a cipa anterior não funcionava, que estaria atrelada à direção da empresa, e não defendia a saúde dos funcionários.

Os companheiros fizeram uma campanha que prometia luta e foram eleitos. A direção da empresa, nas pala-

tras do companheiro Luciano, "percebeu que a gente ia fazer com que a cipa funcionasse, que a gente ia brigar pra que a empresa cumprisse os seus deveres, aí eles resolveram me demitir. A gente discutia muito nessa eleição, discutia o absurdo que é o atendimento médico na fábrica. A gente tinha proposta pra fazer isso funcionar mas, quando eu cheguei na terça-feira veio o cara do departamento pessoal com a carta de demissão.

Eu fiquei sem saber o que fazer, dei risada na cara dele, falei que era um absurdo, um desrespeito com os funcionários que tinham elegido a cipa. Falei que o mandato não era meu, era dos companheiros que me elegeram dentro da fábrica. Aí vocês chegam e vão me demitindo, eu quero saber porque?" A carta de demissão não dizia porque o companheiro Luciano estava sendo demitido, apenas o colocava no artigo 482, justa causa. O que mos-

tra bem a falta de respeito, a falta de vergonha da direção da Filizola. Eles sabiam que essa cipa não ia e não vai ser de brincadeira e então resolveram desrespeitar tanto os funcionários em geral, demitindo o representante deles na cipa, como desrespeitando também o próprio companheiro eleito, demitindo-o por justa causa. A mesquinha, a falta de respeito da Filizola é realmente revoltante", como diz outro companheiro da Filizola, "na medida em que a empresa deixa de cumprir com seus deveres ela está prejudicando os funcionários numa coisa que é fundamental, que é a segurança no trabalho. Eles demitiram injustamente um cipeiro, mas a cipa continua e continuará combativa e não adianta demitir porque sempre vai ter um companheiro para se revoltar contra a mesquinha desses caras que não se importa com a segurança, com a saúde da gente".

Vicentinho mete a boca

A seguir publicamos a continuação da entrevista com o Vicentinho, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema.

Corneta — O que você acha do novo sindicalismo que está aí e que é defendido pelo Luis Antonio, o atual presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. O Luis Antonio propõe uma política sindical que não tenha nada a ver com partidos políticos. O que você acha disso?

Vicentinho — Em primeiro lugar, repito o que disse na entrevista que dei para o jornal "Folha de São Paulo", embora aqui no "Corneta" tenha certeza que vai sair tudo direitinho, tudo completo. Veja bem, existe contradições, mentiras, leviandades, hipocrisia no que é dito pelo Luis Antonio, pelo fato de que ele mesmo foi cabo eleitoral de um empresário nas últimas eleições para o governador do Estado de São Paulo. Ele foi cabo eleitoral do empresário Antonio Ermirio de Moraes.

Corneta — Isso não saiu na "Folha de São Paulo"?

Vicentinho — Não saiu e eu falei na entrevista. Bem, o Luis Antonio foi também membro do PCB (Partido Comunista Brasileiro) e morreu na União Soviética. A "Folha" também não publicou isso, e eu falei. Então há uma contradição nesse as-

pecto, são mentiras do Luis Antonio. Nossa visão é a mesma do Luis Antonio, nossa visão é realmente politizar. A nossa defesa é intransigente pela autonomia dos sindicatos. Agora seria contraditório da nossa parte ficarmos aqui lutando sem querer a participação dos trabalhadores na vida política, mesmo porque a própria lei obriga o trabalhador a votar. Então seria um crime você obrigar o trabalhador a ficar quieto, omitir informações e depois o trabalhador vota em quem quiser durante as eleições, vota enganado, vota em que deu presente pra ele.

Veja bem, nas últimas eleições se a gente não tivesse conscientizado o povo um pouco, ele teria votado muito mais em empresários. Tá lá a briga na Constituinte, mas a maioria dos deputados são empresários, são fazendeiros e banqueiros e nós estamos, por isso mesmo, com graves problemas de ter ameaçados os nossos direitos como a estabilidade no emprego, a reforma agrária, as 40 hs. semanais e assim por diante. Então é um erro, um erro histórico falar essas coisas e o Luis Antonio sabe disso. A grande verdade é que ele é um militante político antigo, não é como nós que saímos da fábrica e aprendemos no dia-a-dia. Nós achamos que deve haver participação política sim. Porque? Você acha que nós devemos ape-

nas participar da produção? Eu acho o seguinte: nós somos trabalhadores, nós que produzimos a riqueza desse país, seja no campo, seja na cidade, seja na construção civil, na fábrica, em qualquer lugar. Então nós temos o direito de decidir o processo político, e econômico, desse país. Então, acho que o trabalhador tem que participar. E ele participa de qualquer jeito da vida política. Se fica quieto também participa, só que está participando do lado do empresário e do lado governo que quer que o trabalhador fique quieto. O fato do trabalhador dizer "eu não faço política" quer dizer que ele não luta para transformar o que está aí de errado, de injusto, que é essa sociedade podre em que vivemos, essa sociedade exploradora. Esse é um aspecto.

Outro aspecto, é que acho que os próprios trabalhadores vão perceber que a política do Luis Antonio é



Vicentinho

um aspecto enganador, é uma política que não vai pra frente. Porque os trabalhadores sabem que não adianta ficar lutando por uma aumento apenas, por um aumentozinho que no dia seguinte o empresário recupera quando aumenta o preço do produto. Ou a inflação come. Nós temos que lutar por coisas que realmente mexem com o lucro do empresário: redução da jornada de trabalho, participação nos lucros, decisão, Comissão de Fábrica, organização. Porque isso é um passo pra mostrar que somos capazes de dirigir esse país. E o trabalhador não vai entrar nessa do Luis Antonio, tenho certeza disso. Por mais que ouçam os Gil Gomes da vida, por mais que escutem o Silvio Santos, os trabalhadores um dia vão aprender que essa política do Luis Antonio é uma política enganadora. E tá aí que o próprio Luis Antonio foi expulso da porta da Ford. Então os próprios trabalhadores da base dele não estão permitindo esse negócio.

Corneta — Bem, já que estamos falando do Luis Antonio, qual é a sua opinião sobre o processo da eleição do Luis Antonio para o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo?

Vicentinho — Realmente fica muito difícil responder, porque a situação lá foi muito delicada. Houve sectarismo, houve erros, houve

confusão do papel de um Sindicato, houve confusão do papel da Central Única dos Trabalhadores (CUT).

Quando a gente fala da Central Única dos Trabalhadores, nós temos que ir pro jogo aberto no meio dos trabalhadores. As tendências, seja lá quais forem, devem ter o mesmo direito de participação. Então eu acho que colocamos alguns pré-requisitos que revertam em erro e a grande verdade é que no fundo, no fundo, estamos pagando pelas consequências do que ocorreu em São Paulo. O sectarismo levou de novo o Sindicato de São Paulo ganhar. Eu tenho a seguinte visão: a questão de alianças deve estar sempre prevista. Acho que o processo é cada vez mais termos sindicatos cívicos, avançados. Mas a CUT, ela é de todos os trabalhadores e portanto deve abarcar todas as visões, desde que se assumam um programa e um compromisso classista claro.

Um segundo ponto é que não dá pra dizer ou você está comigo ou todos os que estão do lado de lá são pelegos, todos do lado de lá são criminosos. Não se pode ter essa visão maniqueísta. A história do movimento operário mostra que sempre que o movimento se sectarizou, as consequências foram drásticas para o próprio movimento. Isso também no Brasil. En-

quanto dizer que tem pelego, está bem, tem o pelego moderno que é o peleguismo de massa do Luis Antonio, mas tem o setor reformista que não dá pra dizer que é pelego, tem um setor complicado que defende um socialismo social-democrata, e há um setor como o nosso que defende uma sociedade justa, classista, socialista e assim por diante. Agora, temos que conversar. Hoje nós estamos num Brasil capitalista, numa realidade onde a maioria dos trabalhadores nem sabe o que é sindicato, imagina então se sabem o que é falar de uma nova sociedade. Por quê? Porque o trabalhador é vítima da cultura brasileira, a ideologia, infelizmente, é burguesa. Então nós temos que saber trabalhar. Temos que saber trabalhar com esse setor atrasado e ter consciência do passo que estamos dando.

Não estou defendendo ninguém, mas pergunto: se tivéssemos feito uma chapa em que o Lúcio tivesse feito parte junto com o outro pessoal, as chances de ganhar não eram outras? E se a chapa do Lúcio, a chapa 2 e o pessoal da chapa 3 estivessem unidos hoje, mesmo brigando internamente, era melhor ou pior do que está hoje? Evidentemente que era melhor! Então esse aspecto a gente tem que discutir, vamos discutir, porque acho que tudo o que aconteceu é válido pra gente avaliar.

Autolatina

Patrões se unem os operários se organizam



Produto do trabalho dos operários da Volkswagen

Durante os dias 7 e 8 de novembro foi realizado em Ubatuba o seminário das Comissões de Fábrica da Autolatina. O Corneta compareceu e entrevistou os companheiros Humberto Domingues da Comissão de Fábrica da Volks, o companheiro José de Araújo — o Zé Preto da Ford de São Bernardo — e Joaz Cunha da Silva também da Ford de São Bernardo.

Neste número, por questão de espaço, publicamos somente a entrevista com o companheiro Humberto. No próximo número serão publicadas as outras entrevistas.

Corneta — Faça uma avaliação sobre esta greve do grupo Autolatina.

Humberto — Olha a nossa avaliação é que o resultado foi muito positivo. Nós demos um salto de qualidade em termos de movimento. Internamente os trabalhadores assumiram o movimento não só fazendo a paralização propriamente dita, mas fazendo com que o movimento desse certo: a nossa organização, os encaminhamentos foram realmente bons e surpreendem a fábrica em várias situações, e o resultado financeiro, o saldo, o crédito da greve se não foi tudo o que a gente queria, foi interessante o momento que nós paramos, o pessoal voltou organizado,

com pique, com a moral elevada, para futuros movimentos.

Corneta — Vocês foram para a greve com que propostas?

Humberto — O ponto específico nosso era a reposição salarial. Agora, naturalmente que durante a greve surgiram outras questões, e um dos pontos importantes que a gente teve, que não atinge diretamente a Volks mas atinge o pessoal da Ford-São Bernardo, é um prazo pra negociação de novos estatutos pra Comissão de Fábrica da Ford. Então, além do saldo financeiro que foi pouco razoável, houve o saldo da Comissão da Ford e na questão da organização interna da fábrica o saldo foi grande, tanto na Ford como na Volks. E sem dúvida a volta da Comissão de Ford foi uma vitória.

Corneta — Qual foi o caráter dessa reunião que vocês realizaram aqui em Ubatuba?

Humberto — Olha, veja bem, nós pertencemos a 8 fábricas diferentes, distribuídos em 5 sindicatos diferentes. Então um dos objetivos do seminário foi fazer uma maior aproximação entre nós mesmos, e conhecermos algumas situações específicas de uns e outros. E também tentamos começar a tirar alguns encaminhamentos futuros de forma unitária e não mais de forma individual, respeitando as particularidades de cada categoria, mas enquanto Auto-

latina, encaminhamos em conjunto. Nós vamos fazer reuniões mensais para mantermos um contato permanente. Ford e Volkswagen são duas multinacionais importantíssimas a nível mundial. A gente como classe trabalhadora já tem mais do que motivos para estarmos unidos enquanto classe trabalhadora, muito mais ainda agora os trabalhadores da Volks e da Ford tem que se unir diante dessa união mais orgânica entre Ford e Volks.

Corneta — Como vocês estão vendo essas ameaças que a Autolatina está fazendo ao governo com o aumento dos preços dos automóveis e com os boatos de que ela se retiraria do Brasil?

Humberto — A gente não acredita que a Autolatina possa sair do Brasil. A verdade é que 60% do mercado automobilístico nacional está nas mãos desse grupo, a Autolatina. É verdade que existem problemas no mercado brasileiro, mas é um mercado forte, existe no Brasil mão-de-obra barata, matéria-prima fácil de ser localizada e abundante. Agora a Autolatina está em um confronto com o governo. É um problema deles que afeta a gente, mas é um problema deles. O que a gente acha é que é conjuntural, do ponto de vista empresarial, e o que realmente eles fazem é uma chantagem com o governo quando fazem essa ameaça, e esse mercado elas não vão querer perder facilmente.

Sertãozinho

Tecomil em greve

Da nossa reportagem de Sertãozinho

A Tecmil, uma fábrica de porte médio situada em Sertãozinho, entrou em greve. Segundo alguns funcionários, a fábrica passa por uma crise financeira violenta, onde três radiais e uma calandra importadas da Itália estão completamente empenhoradas.

As condições de trabalho

são péssimas, a firma não paga insalubridade, as férias são pagas depois de 40 dias, as condições mínimas de higiene nos banheiros não existem, nem os encarregados ficam sabendo quem vai ser despedido.

No último pagamento do vale houve um atraso e como está ocorrendo atraso nor-

malmente, os trabalhadores resolveram parar. Houve uma assembleia depois do almoço, onde, com a ajuda do sindicato, a turma resolveu cruzar os braços. Enquanto os trabalhadores estavam parados, o dono desta fábrica estava no Paraguai, mostrando assim a sua preocupação com os trabalhadores.

Construir o Corneta

COMPANHEIRADA VAMOS CONTRIBUIR COM O CORNETA

Preencha o cupom.

deposite o dinheiro na conta n.º 43.730-1,

agência 0501-0 do

Bradesco e envie o

cupom e o recibo do depósito para:

R. Barra Funda, n.º 797

— São Paulo — Cep 01152

Pela construção da imprensa operária de massas

Nome _____

Endereço _____

Cep: _____

assinatura para 1 ano

Cz\$ 200,00

Cz\$ 400,00 — preço solidário

EXPEDIENTE

O Corneta é uma publicação do CIMOP
Centro de Documentação e Pesquisa sobre Imprensa Operária e Popular
Composição
Página Livre Editora Ltda —
F. 278-1292
Impressão e Fotolito
Sindicato dos Bancários de São Paulo

Cartas, cartas e mais Cartas

Munck

Aniversário de 30 anos

Sr. redator, saudações.

Sr. Acácio (Tancredinho), abra os seus olhos, pois na Munck tem muitos marajás.

Para seu conhecimento eis alguma, Srs. Pedrão encarregado de usinagem, Bacalhau e seu subordinado Vanuza, Maximino e seu protegido Lalau, sendo o principal o Sr. Rogério.

O Sr. Rogério sendo diretor não sabe dialogar com ninguém, mandando embora bons profissionais por acharem seus salários baixos e pedir aumento.

Se o senhor der um passeio por dentro da fábrica vai ver só aprendizes nas máquinas, salvo um ou outro profissional, ainda assim querendo ir embora por salários.

O senhor Pedrão, rei da gambiarra, inventando profissional em máquinas que os mesmos nunca viram. E recuperando tudo e qualquer peça com solda. Ha! se não houvesse solda e nem soldador.

O Bacalhau não tem o que fazer, pois os aposentados já fazem tudo, o seu subordinado Vanuza não sai do C. Q., assunto: mulheres, programas noturnos e outros assuntos que nada dizem a empresa.

Max e Lalau, o casal 20 do C.Q., ou

Filizola

Olha a cabeça João Batista

Eu queria denunciar no Corneta uma coisa que está acontecendo na Filizola. Primeiro um cipeiro foi demitido, agora o pessoal da cipa está sendo barrado nas seções. Os cipeiros estão sendo perseguidos e encarregados e não têm condição de fazer avaliação nenhuma das condições de trabalho dentro da fábrica. Eles não conseguem fazer um trabalho de prevenção de acidentes por causa da perseguição.

Tem um tal de Nelson que tá demais, perseguindo tudo quanto é trabalhador, não faz mal se é da cipa ou não, ele persegue todo mundo. Isso tá deixando o pessoal chateado. Parece que a única coisa que ele faz é não deixar ninguém trabalhar sossegado.

E tem um outro que é gerente, chamado João Batista, que é um que merecia perder a cabeça, que só procura sugar os funcionários que trata o pessoal da fábrica e do escritório como animal. Tem muita coisa acontecendo que nem dá pra falar. Se vocês publicarem isso acho que ajuda um pouco.

Assinado: Operário da Filizola.

faisca e fumaça. O Sr. Max como líder do C.Q. não faz nada a não ser estudar, tocar viola e jogar baralho com o sr. Lau, até dormir no setor ele dorme. A única coisa que ele não faz é resolver os problemas do setor.

Lalau ha! Lalau, esse é uma graça. O cartão de ponto deste elemento nunca é batido antes do horário de serviço, só sai da seção para almoçar e ir ao banheiro, o resto do dia é de braço cruzado ou com as mãos no bolso. Fazer cálculos e ensinar os outros no setor é a coisa mais natural, até parece uma escola. A reunião com o Sr. Max, Vanuza e Cia é a maior tônica do setor. Para termos uma idéia dessa mordomia esse sr. conseguiu tirar férias sem ter férias vencidas.

Para finalizar, por enquanto, temos o sr. Davi, um rapaz forte, saudável, não tem profissão por isso não faz nada e não tem vontade de aprender, andando na fábrica o dia todo, às vezes nem trocando de roupa.

Em tempo. A todos os funcionários, cuidado com a nossa comissão do sindicato, o que estes srs. Paulinho, Ceaide e Celso precisam é de uma boa surra para largarem de serem sem vergonha, defenderem os empregados e não os patrões.

Assinado: Uma Comissão

Nosso futuro depende de nós

Se a minha luta é diferente é porque cada um tem o direito de lutar, e acho que o mais correto é a gente sofrer alguma crítica, mas tentar ajudar alguém.

A minha luta é assim porque acredito em mim e penso em um mundo diferente, onde acho que devemos lutar contra as injustiças, almejan- do uma sociedade melhor, onde não haja mais oprimidos e nem opressores, esta luta é difícil companheiros, mas com o tempo ela se tornará fácil.

Companheiros, sei que não estou sozinho. Quando eu tender a ficar fraco terá pessoas para me incentivar. Quando os poderosos quiserem me derrubar, eu tenho alguém e espírito para resistir. A cada dia que passa aumenta mais a minha sede, sede de chegar ao pote de água, a sede dos oprimidos, dos massacrados, dos pisoteados, dos marginalizados, dos escravizados, que somos nós trabalhadores explorados pelo capitalismo. Acreditado em uma libertação porque somos alienados, somos acormentados por estas viboras que nos aliena fazendo-nos cárceres do capitalismo. A cada dia que passa, eu me preocupo com os problemas da classe trabalhadora, dos operários inocentes que se vendem facilmente nas épocas eleitorais, como foi nas eleições passadas, e hoje o povo não acredita em mais nada, mas não vê que fomos nós os culpados, que votou e elegeu 450 consti-

tuintes comprometidos com o capitalismo, enganou o povo, não é o caso de desânimo, temos que olhar para trás e só errando que podemos acertar ou aprender.

Eu acredito em um socialismo, só depende de nossa unidade e compreensão. Vivemos em um país que diz ser livre, mas é um país de um povo sem terra, vivemos em um país onde a maioria é analfabeta, onde morre milhares de crianças desnutridas, onde o salário mínimo é o mais baixo do mundo, onde o povo reclama que está com fome, onde 79% dos capitalistas: banqueiros e a-fundários conseguem engajar 97% do proletariado através dos meios de comunicação, TVs e a imprensa burguesa joga pesado com a máquina dos estados, onde eles tem direito de falarem na televisão uma hora e nós um minuto, então fico atento com os oportunistas da vida, não costume olhar só para frente, sim em um ângulo de 36° porque fico atento e devemos todos ficar atentos e ver que nós não vamos mais ser enganados em troca de camisetas, vamos vender nossa consciência, vamos dizer não aos que sempre nos enganaram e pensam em nos enganarem outra vez.

Assinado: João Teodoro Cassimiro: Ex-Braseixos (Boiadeiro)

Filizola

Tem muita coisa errada

Companheiros do Corneta. Aqui dentro da Filizola vem acontecendo, umas coisas muito sérias, umas coisas que não deveriam acontecer. Até agora a gente não consegue entender o que aconteceu pra que um companheiro eleito pra cipa pela gente aqui da fábrica fosse demitido. Tá todo mundo querendo saber por que o companheiro foi demitido sem direito, é uma coisa triste e ninguém consegue entender isso. Essa Filizola tá um verdadeiro campo de concentração, onde tá cheio de preso e ainda jogam fogo no meio, tá parecendo que essa chefia é um bando de nazista que trata os trabalhadores que nem bicho, que nem se fosse um animal. A gente vê esses caras perseguindo os cipeiros, não deixando eles trabalharem por que eles foram eleitos. O companheiro Luciano só porque falava bastante foi perseguido até que cortaram o pescoço dele.

O pessoal aqui da Filizola vê o que a chefia tá fazendo com os cipeiros que a gente elegeu. Os coitados não podem nem sair do setor pra cumprir a função da

cipa que já vem algum chefe safo- fado encher o saco do cara.

O pessoal aqui da Filizola tá vendo essas coisas, que fábrica tem medo da cipa porque tem muita coisa errada aqui dentro. Tem outra coisa aqui que é o médico, conhecido como Menguele, carrasco nazista. Esse homem é um absurdo, quando a gente marca uma consulta para as 7 horas da manhã só vai ser atendido às duas horas da tarde do outro dia, dá pro peão morrer e tornar a viver antes de ser atendido, é uma coisa de campo de concentração mesmo.

E por isso e mais outras coisas que eu to escrevendo pro Corneta, que essas coisas que acontecem na Filizola tem que sair em tudo que é jornal pra todo mundo ficar sabendo da imundície de porco que são os banheiros. Porque a cipa e todo mundo tem que ficar sabendo que falta exaustor no polimento e na pintura, e bebedor em várias seções, tem muita gente que não tem insalubridade.

Tem coisa errada demais da conta nessa Filizola e isso tem que sair em tudo que é jornal por isso que eu peço pro Corneta publicar essa carta. Assinado: Trabalhador da Filizola

O movimento operário

Na situação atual, o movimento operário nacional e internacional se acha desunido, desmobilizado e sem organização política séria. Os partidos e organizações sindicais, que se dizem representar os trabalhadores, se não estão atrelados ao estado capitalista como no Brasil, não o fazem outra coisa senão jogar com o esquerdismo puro e simples, ou lu-

tam na colaboração de classes. No Brasil, por um lado a CUT e a CGT, duas espinhas dorsais no movimento trabalhista brasileiro, a CUT sendo a ala esquerda e a CGT na tarefa de colaboração de classes!

A CUT, — e os sindicatos a ela ligados, chama a Greve Geral; a CGT participa e ao mesmo tempo freia o

movimento causando desunio e desmobilização do movimento operário.

Muita agitação, pouca mobilização e nenhuma organização!

Os que vão à Greve, vão e voltam como se nada tivessem feito. O que falta, o que deve ser feito, ficaremos a dizer no próximo número. Assinado: C.Q.D.

A liderança verdadeira

Companheiros e companheiras metalúrgicos, hoje na atual situação em que vivemos, em uma situação de total insegurança política, econômica e social, ainda há líderes de classe que trabalham em cima da desinformação, da despolitização, da desunio, e desta forma deixa uma categoria como a dos metalúrgicos de Osasco totalmente demotivada para enfrentar os patrões porque certo líderes só pegam união no papel, e na porta das fábricas nós estamos vendo companheiros solitários brigando praticamente sozinhos, porque este companheiro tem um ideal, que o trabalhador só vai conseguir alguma coisa no que se refere ao direito de sobreviver com emprego e salários justo e que o trabalhador só vai conseguir isto através da luta de muitas lutas:

Por isto não recebe apoio destes líderes, se assim vocês acharem que pessoas que vende a luta dos trabalhadores pela concessão oferecida pelo patrão deve ser chamada de líder.

Está aí a prova, o companheiro Boiadeiro brigando sozinho na porta da Braseixos, fazendo uma greve de fome pela sua reintegração, porque há vários anos quando este companheiro entrou nesta empresa gozava de perfeita saúde, hoje, doente, é mandado embora como se fosse um animal. E para o patrão e seus cumplices trabalhador não passa disto, principalmente quando o companheiro faz parte de um grupo que não toma cafézinho com o patrão e nem aceita concessão do mesmo.

Por isso o companheiro Boiadeiro

está desprezado pela diretoria do nosso sindicato que trocou, vendeu toda luta dos trabalhadores, tanto da Braseixos como da Cobrasma, apenas por uma hora na redução da jornada de trabalho na eleição sindical que o sr. Toschi e o sr. Magrão conseguiram apenas no cafézinho. Hoje com trinta dias de negociação não conseguiram nada no que se refere a redução de jornada nas grandes empresas, tanto é verdade que esta diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco são verdadeiros aliados dos patrões da Braseixos e da Cobrasma que nós, trabalhadores destas duas empresas, fomos únicos que recebemos apenas 18% do resíduo que era de 21,26% o resto eles negociaram com os patrões da Braseixos e da Cobrasma e despolitizaram os companheiros com um discurso de vencemos, vencemos!

Aqui fica uma pergunta ao sr. Toschi e ao sr. Magrão: vencemos o que? Companheiros, nós já tínhamos 11,26% na mão do vidigal, que eles não pagaram para os trabalhadores, antes deixando para novembro numa manobra para os trabalhadores aprovarem assembléia decisiva. E ainda por cima, conforme decreto, nós tínhamos mais 4,69% referente ao URP de novembro, tudo isto incluído nestes 60,78%. Agora, companheiros, faça as contas e tire suas conclusões, só para você ter uma idéia: as nossas perdas eram 74%, aí é que vai a pergunta: vencemos o que? Mesmo porque ainda falta muito para os trabalhadores gritar vencemos.

Assinado: Um trabalhador da Cobrasma — Seção PM

Vamos pegar os gringos de calça curta

Os trabalhadores no seu dia a dia percebem que os acidentes e doenças profissionais são uma realidade constante principalmente com a ganância dos patrões. Que na verdade tentam enganar fazendo ameaça, até no curso que eles dão já dá para se notar a safadeza que eles usam a fim de começar a enganar os cipeiros, nos filmes que eles mostram, eles lembram que às vezes o trabalhador perde um dedo por ter atrasado o pagamento do carnê, ou por estar o trabalhador com qualquer problema, e tentam defender o lado deles tantando punir o trabalhador.

Eles, nos cursos que dão, dizem que morrem 13 trabalhadores diariamente por causa de acidente de trabalho. Os patrões não criam vergonha de dizerem que é acidentado quase um milhão de trabalhadores por ano. Eles também não tem coragem de falar a verdade, que morrem mais ou menos 4.500 trabalhadores por ano por culpa deles.

Só não morrem os marajás deles. Eles também não contam que eles dão sorte, quando uma moto atropela um dos seus marajás, aqui como foi o caso do Genovese e do Kitomura na frente da Braseixos, não mor-

reu nenhum, se tivesse morrido não faria falta. Eles também não contam que cai faxineiro com fome aqui dentro da Braseixos e morre como foi o caso do seu Miguelzinho da F2.

Olha os supervisores e enfermeiros que dão o curso não são os culpados não! E que a ordem vem de cima e se os caras que dão o curso começar a falar isso eles são mandados embora. Olha os cipeiros devem ter a mínima consciência, não concorrer para disputar não, deve é ajudar aqueles que mais merecem confiança nossa, que vai fazer trincheira ao patrão e vai fazer oposição a tudo. Quando voce ver o pelego apoiando alguém não vote não, provavelmente ele está sendo preparado para ficar do lado do patrão. Vamos apoiar aqueles que já mostraram que a gente vê que não tem medo de nada, e desses poderá até começar o início de uma comissão de fábrica como foi o caso que tentei, mas foi um pouco tarde se fosse no 1.º ano eu teria conseguido. Vamos nós organizar e pegar aqueles esses gringos de calça curta.

Assinado: João Boiadeiro.

Boiadeiro quer falar

Companheiros, nós não devemos nos iludir com o pelego dizendo que foi uma das maiores vitórias do sindicato, ao contrário, devemos por a cabeça no lugar e imaginar que nos últimos três meses as passagens dos ônibus que nós precisamos todos os dias foi mais ou menos 300%, os aumentos dos alugueis foi 290%, leite, pão, tudo companheiros, e podemos esperar os aumentos da inflação até janeiro vai disparar, nós vamos estar passando por piores crises porque nem a respeito das 40 hs semanais na assembléia final nem foi lembrada, os pisos salariais são brincadeira, é discriminar os trabalhadores, os empresários ou os grandes empresários é que divide suas empresas para roubar o pão da boca dos nossos filhos, nada de três pisos: Crz \$ 5220,00; Cz\$ 7200,00; Cz\$ 8060,00, isto tem que acabar, é discriminar o trabalhador, tem que ser pelo menos um mínimo calculado pelo DIEESE, até cego dá para desconfiar que das empresas pequenas derrama leite fora do balde, para onde será que vai esse leite, companheiros? Olha, com todo o

respeito, a gente decidiu um negócio que vai valer para o ano todo, afinal não abrimos a palavra, eu queria fazer algumas observações de destaque, mas a dupla de pelego Medeiros e Magri manobrou a assembléia e só ele que falaram a proposta dos patrões, então vamos cobrar companheiros, daqui a dois meses essa migalha não está valendo nada e também queremos saber o número de demissões e a dupla de pelego não divulga o número nos últimos três meses, esses voltaram a ganhar um salário bem inferior, pelego que nunca fez um barulho para segurar um trabalhador demitido.

Vamos exigir as equiparações salariais e cobrar da dupla de pelego, já que eles dizem que sempre foi a melhor, é para eles que ganha vinte vezes esse peso de fome, que é o nosso salário.

Quando a gente pedia 100% já era o mínimo para que nem precisasse fazer greve. Mas a dupla de pelego fazem as manobras e consegue puxar a sardinha para a patronal e agora, nós trabalhadores continuamos mais uma vez enganados por

cinco minutos de manobra da dupla de pelego, pode ter certeza que nós daqui há meses vamos estar sentindo na pele o que esses pelegos conseguiram manobrar na assembléia de sexta-feira 30-10-87.

Eu queria que corresse tudo bem daqui para frente, mas eles primeiros amedrontam os trabalhadores que poderá haver demissão. Mas eu pergunto: "as que já houveram eles esqueceram! Não companheiros, podem ter certeza do que estou dizendo, esses pelegos estão queimando os trabalhadores, eu já avisei companheiros e podem ter certeza que eles estão queimando nossa categoria, hoje nós que apertamos os botões das máquinas e ganhamos menos que vigilantes. Nós trabalhadores que recebemos 46% de aumento hoje, dois dias após já não é mais 46% já caiu para 31%, porque arroz, óleo, carne já subiu 15% e vai subir mais, então por isso que a proposta era boa é a proposta dos patrões sempre é boa para a dupla de pelegos.

Assinado João Teodoro Cassimiro (Boiadeiro)

Vitória! Que vitória?

Companheiros e companheiras metalúrgicos de São Paulo, eu gostaria de chamar a atenção de toda a categoria para essa vergonhosa frase que nós estamos vendo nas TVs internas no sindicato dos metalúrgicos de São Paulo, que é: vitória.

Que vitória é essa que a diretoria do sindicato está falando? Companheiros nunca se viu tanta miséria sobre os trabalhadores. No início da tímida campanha salarial principalmente na primeira assembléia o Luiz Antonio colocava um economista do Dieese para fazer um cálculo da porcentagem que seria a parte econômica que a diretoria levaria

para a Fiesp que seria de 74% + 15%, isso daria um percentual de 100% e conseguimos apenas 46%, menos da metade do que pedíamos. Sendo que aumentou o pãozinho, o leite, o açúcar, o feijão, o gás, o arroz, etc...

Vejam bem companheiros, pegue seu pagamento do mês de novembro e diga na cara dessa diretoria fascista que a vitória foi dessa diretoria que aprovou 10% de assistência para encher o rabo do Luiz Antonio e sua gangue. Essa diretoria comprometedora com o governo e com os patrões vem dizer que 46% foi uma vitória. Não falam na sua posição de ditadu-

ra que não deixa o pessoal das fábricas falar.

Essa diretoria sabe que se nós das fábricas falamos, vamos desmascarar esses representantes dos patrões e do governo, que levam seus leões de chácara para tumultuar as assembléias. Quando vemos que os trabalhadores das fábricas irão desmascarar os Pinochets do sindicato. Companheiros, vamos nos organizar não só contra os patrões e o governo. não contra o sindicato porque o sindicato somos todos nós, mas contra essa diretoria fascista que está aí.

Assinado: Trabalhador da fundição da Filizola.

Unidade e confiança

Companheiros e companheiras metalúrgicas, hoje na atual situação em que vivemos, em uma situação de total insegurança política, social e econômica, ainda há líderes de classe que trabalham em cima da desunio da desinformação e acima de tudo da despolitização das categorias que estes líderes representam.

O que me entristece muito é que nós vemos uma categoria como a nossa com a maior disposição de se organizar melhor, de lutar mais pelos seus direitos, mas falta o essencial que é o apoio total dos seus órgãos representativos que às vezes até tentam, mas são contidos ou convencidos pelos poderosos (patrão).

Por isso tudo companheiros come-

ça o descrédito em torno da nossa entidade maior, dos líderes, dos políticos e dos próprios companheiros. Porque a desilusão provoca falta de unio entre os trabalhadores, a desconfiança dos líderes sindicais e a decepção com os políticos e com a sociedade em geral.

Recentemente nós acompanhamos a greve dos operários da Autolatina em São Bernardo do Campo que durou 12 dias, 12 dias de organização, de unio, de força de luta, de enfrentamento às multinacionais, ao plano Bresser e até mesmo ao cacete democrático da nova republica. Mas e acima de tudo houve crédito e confiança naqueles que conduziram esta luta

que um final que podemos dizer foi honroso para os trabalhadores da Autolatina em São Bernardo, ou para nós trabalhadores de outra região qualquer, desde que se organizassem como os companheiros. Que os nossos líderes não tenham medo desta organização que não trabalhe na meta de quanto menos politizado o trabalhador menos resistência oferece e que o discurso de: vencemos, vencemos sem nada vencer, deixa o trabalhador acomodado, com o bolso vazio. Até porque para o trabalhador ainda falta muito para dizer vencemos.

Assinado: Companheiro da Cobrasma.

Srs. diretores da Braseixos

Eu sou mais um peão na rua, se eu fosse um puxa-saco de chefe eu estaria ainda dentro da Braseixos. Pois quem trabalha honesto sempre leva prejuízo. E nesse mesmo setor, tem muitos caras que ficaram por causa de serem puxa-sacos, e tem mais ainda, além disso são mãos lisas. Cuidado, um dia vocês vão dançar, eu quero estar perto para ver esse tombo.

E outra coisa, tem chefe

protegendo esses pilantras que estão numa boa por enquanto. Senhor chefe não tire conclusões precipitadas, pois primeiro tenha as provas depois encaminhe para a segurança da fábrica. A segurança é para isso mesmo, para botar para quebrar em cima desses pilantras.

O senhor já errou uma vez comigo, não torne no mesmo erro.

Eu estou escrevendo isso é porque acho que não merecia

ser mandado embora. De que o Sr. mandou embora eu e mais um e ficaram os dois mãos lisas no setor ainda. É por esse motivo que eu fiquei chateado com o que aconteceu dia 01/10/87. Almoxfado, FbI e II (não citei nomes porque vocês já sabem de quem estou falando).

Vou deixar uma pergunta para vocês no ar: Será que sendo mão leve vale a pena? Assinado: Águia Negra.

Produção

- I É a pressa da prensa Sobe e desce com o ar O operário à cadência Que a velocidade levar.
- II Se ele vai ao banheiro Pode ser por pouco tempo Vigiado pelo dinheiro E explorado a todo momento.
- III Quando dispara a sereia
- IV Chega em casa e a mulher Lhe reclama alguns trocados Não consegue o que quer Os tristes olhos molhados.
- V Sem certeza deixa tudo Que contudo não é nada

Vende a vida como escudo Dessa falsa pátria amada.

VI Velho. A aposentadoria Vai lhe descontar o resto Da esperança que existia De construir o seu teto.

VII Com a alta produção Seu corpo vira carcaça Fragmentos pelo chão Do homem só há fumaça.

Assinado: Valter Moreira

Quem paga pelos crimes contra a vida e saúde de Trabalhador?

Apenas e tão somente os próprio trabalhadores, que pagam com que eles têm de mais valioso: a saúde e a própria vida, muitas vezes. Todas as leis em vigor e também as que estão sendo elaboradas na Constituinte, nada fazem para punir aqueles que são os verdadeiros responsáveis pelos acidentes de trabalho e doenças profissionais. Cada dia mais os patrões se sentem à vontade para descreír das condições de trabalho e segurança nas empresas. Quando acontece um acidente muito grave que chega à imprensa, o máximo

que se diz é que o trabalhador é que é o responsável, a "imprudência" do trabalhador.

Contra esse tipo de coisa foi criado em São Paulo um tribunal, o Tribunal "Maria Teixeira", para julgamento dos crimes contra a saúde e a vida do trabalhador. Esse tribunal se propõe a divulgar e mesmo identificar os responsáveis, e denunciá-los publicamente, contribuindo assim para a luta dos trabalhadores em geral por uma vida melhor. O Tribunal "Maria Teixeira" é ini-

ciativa da Comissão Permanente de Relações do Trabalho, com o apoio de uma série de especialistas e entidades. Sua criação é uma proposta do PT (Partido dos Trabalhadores). O primeiro julgamento vai ser dia 13 de novembro, às 19 horas, na Assembléia Legislativa de São Paulo, Avenida Pedro Álvares Cabral, s/n.º (Ibirapuera), cidade de São Paulo.

Se você tem alguma denúncia a fazer, peça informações pelo telefone 884-4915 e 884-1122 (r. 548) — Gabinete da deputada Clara Ant.

Compareça às reuniões do "Corneta", todos os sábados a partir das 15 horas

Ford Ipiranga Avaliação da greve

Aqui o companheiro Peninha da Comissão de Fábrica da Ford do Ipiranga faz uma avaliação da greve que aconteceu recentemente lá. Essa greve foi a primeira que se deu em uma unidade da Autolatina. Como todo mundo sabe, a Autolatina é o nome da nova e poderosíssima empresa que foi criada a partir da unificação da Ford e da Volkswagen do Brasil e também da Argentina. Depois dessa greve na Ford-Ipiranga, aconteceu a grande greve da Autolatina de São Bernardo do Campo que parou por muitos dias os 40.000 operários da Ford e Volkswagen daquela cidade (veja matéria na pg. 4).

Corneta — Fale aí da greve da Ford-Ipiranga. Porque parou? Quais as reivindicações? Quais as conquistas?

Peninha — A gente já vinha discutindo há algum tempo com a empresa a questão do salário. Como é do conhecimento de todo mundo, uma das poucas fábricas de São Paulo que não tinha dado o resíduo salarial era a Ford. A gente queria além do resíduo também as 48 hs. semanais. O pessoal da fábrica estava ficando cada vez mais nervoso com a diferença de salário. E tinha mais. Quando a gente se uniu

com a Volks e virou Autolatina, teve um dissídio em São Bernardo e o pessoal de lá passou a ganhar de 20% a 30% a mais que os companheiros daqui. Isso também ia irritando o pessoal. Depois tem mais ainda. A Ford mandava embora, a Volks também, tinha dispensa em massa e aqui a produção continuava normal, saiam de 120 a 130 caminhões por dia, variava. E a gente ia pra negociação pedindo resíduo, nem como resíduo mas como antecipação, as 48hs também e não vinha. A Autolatina sempre respondia que não tinha condições de pagar, que estava passando por uma crise financeira muito grande. O pessoal não queria saber, o que a gente sabe é que produzimos, trabalhamos e a fábrica estava exportando, o companheiro não quer saber se o grupo é grande ou não. Veja bem a Autolatina no total, são 65.000 trabalhadores e aqui só 3.000, então porque não dar essa antecipação? Então chegou a um ponto que não deu mais, o pessoal estava esgotado, fizemos assembleia e tomamos a decisão: a greve.

Nesse espaço de tempo o que aconteceu? Veio a notícia que a ferramentaria ia fechar. Ficamos sabendo que o motivo do fechamento era o seguinte: a Autolatina ia mandar o serviço de ferramentaria para ser feito no

Japão. O que em outras palavras era o seguinte: além dos 410 ferramenteiros do Ipiranga, isso aí iria causar o desemprego, no prazo de 2 a 3 anos, de 10.000 a 15.000 trabalhadores de empresas de fora que dão suporte à ferramentaria. Isso tudo era grave, e tinha a questão do salário. Ou a gente ia pra luta ou abaixava a cabeça e aceitava tudo isso. O pessoal não teve dúvida, preferiu ir pra luta.

A greve começou dia 17 de agosto, durou um total de 18 dias e não vamos dizer que ela teve ganhos econômicos muito grandes, foram mínimos. Mas tivemos uma vitória que consideramos muito grande. A Autolatina disse que nunca negociou com a fábrica parada e aqui negociou. Outra coisa, ela usou aquela constante dela de mandar o pessoal embora por justa causa e aqui ela voltou atrás transformando as demissões em dispensa normal, com direitos. Poucos companheiros foram embora. Também, consideramos vitória que outras unidades (a Volks de Vila Carioca e a Ford de Osasco) pegaram o aumento de 10% em decorrência da nossa greve. A avaliação da Comissão é que a greve foi boa. Pode ter algum companheiro que diga o contrário. Eu acho que foi boa a luta aqui dentro.

Repórter Febre Amarela Bresser quer salário de fome



Bresser

O ministro Bresser da Fazenda, não contente em promover a fome entre os trabalhadores assalariados, ainda tenta arrumar um jeitinho para interferir nas decisões do judiciário nas causas trabalhistas da classe operária.

Dia 16 de outubro, em reunião no seu gabinete com autoridades do poder judiciário, queixou-se aos mesmos das decisões que a justiça do trabalho anda tomando contra o seu congelamento, ao conceder aumentos a certas classes trabalhadoras.

Alega ele que os aumentos que o judiciário autorizou a algumas categorias de trabalhadores, vão contra as determinações do seu plano econômico, e que doravante a justiça do trabalho antes de julgar lícito esses aumentos, consultasse a cartilha de seu Plano.

Ora, vejam companheiros, se já não bastasse a manobra que o governo faz no arrocho do nosso salário, agora vem o ministro Bresser querendo interferir nas decisões judiciárias que os trabalhadores conseguem com muita luta.

TELESP

dá força para Braseixos

Nos primeiros dias da greve de fome do Boiadeiro a sacanagem dos patrões teve colaboração da TELESP. O orelhão na frente da fábrica que era o meio de comunicação do companheiro com o pessoal das entidades que o apoiavam foi misteriosamente cortado. Após algumas reclamações foi novamente religado. Mas, é isso aí, até os serviços públicos de comunicação estão a serviço direto dos patrões e de suas sujeiras

Constituinte: Empresários X Trabalhadores

Da nossa redação

E quem disse que os trabalhadores podem dormir tranquilos que a estabilidade no emprego vai ser garantida pela nova Constituição? Acorde. Esse e outros direitos reivindicados pelos trabalhadores, como as 40 hs. semanais, o menor tempo de serviço para aposentadoria, etc, dificilmente serão apro-

vados se depender da vontade dos patrões. Empresários urbanos e rurais criaram no mês passado a Frente Nacional pela Livre Inicialização (FNLI), da qual fazem parte, entre outros, a União Democrática Ruralista (UDR) e a Confederação Nacional das Indústrias. Esse grupo poderosíssimo vai "pressionar" os deputados

constituintes para votarem contra as leis que favorecem os trabalhadores da cidade e do campo. Como disse para "O Corneta" o metalúrgico e deputado constituinte pelo PT, Luis Inácio da Silva, o Lula, "Se a classe trabalhadora não pressionar vai ter uma Constituição pior do que a atual".

Lula dá força para sindicato unificado

Os sindicatos de metalúrgicos de Santo André e São Bernardo podem dar o exemplo e, mesmo contrariando a regulamentação em vigor e a Nova "Constituição", unir em uma única entidade representativa da categoria, com os trabalhadores mostrando que podem tomar decisões independente da Lei. A orientação é do Deputado Luiz Inácio Lula da Silva, no 3º Congresso dos metalúrgicos de Santo An-

dré, encerrado em Cajamar.

A unificação da classe em uma única organização sindical é a principal tese levada pela direção do sindicato ao encontro, e os metalúrgicos esperam não encontrar dificuldades para aprovação, pela Comissão de Sistematização, de um parágrafo que veda a existência de mais de uma entidade por categoria no mesmo município. UNIFICAR PARA FORTALECER.

Barra Funda A POPULAÇÃO É DE BRIGA

Barra-Funda: bairro de muita pobreza e muitos problemas, que fica na zona central de São Paulo. Antigamente foi um bairro elegante, onde mansões de 15 quartos abrigavam uma só família. Hoje, essas mansões viraram "casas de cômodo", onde mais de 20 famílias disputam o espaço e dividem a miséria. Mas a população da Barra-Funda é de briga. Faz pouco tempo, imprensa, televisão e rádios de São Paulo contaram como cerca de 400 moradores do bairro resistiram corajosamente às ordens do Sr. Jânio Quadros (prefeito de São Paulo). De mãos dadas, formando um cordão humano, os moradores enfrentaram a polícia que tinha ido desativar o Pronto-Socorro da Barra-Funda, por ordem do Sr. Prefeito.

O Pronto-Socorro da Barra-Funda funcionava há mais de 40 anos e atendia atualmente cerca de 150 pessoas por dia. Era importante para uma população com poucos recursos e muitos problemas. Sem mais nem menos, alegando a precariedade do prédio, o Sr. Jânio mandou fechar e derrubar o prédio do PS. A população então resistiu até que não deu mais.

De qualquer jeito, valeu a resistência. A partir desse movimento, foi criada uma Comissão de Saúde dos próprios moradores que obteve do Sr. Jânio Quadros, sempre tão violento e hostil com os movimentos reivindicatórios da população, a promessa, só a promessa é verdade, de construir um novo Pronto Socorro. Além disso, até que o novo

PS seja instalado, a Comissão de Saúde dos moradores conseguiu da Prefeitura a instalação de um Serviço de Pronto Atendimento de 24 horas, que está, no momento, funcionando no Centro de Saúde do Bairro.

O Corneta, que agora tem sua sede no bairro da Barra-Funda (R. Barra Funda, 797) foi procurar algumas pessoas da Comissão de Saúde e a partir do bate-papo com Cláudio, Claire, Salgado e Valter, ficamos sabendo de detalhes dessa luta da população do bairro.

Nós do jornal "O Corneta" convidamos o pessoal do bairro da Barra Funda e de outros bairros de São Paulo e do interior, a nos escrever ou nos procurar sempre que tiverem notícias, denúncias, etc.

Rádio: Novas e Velhas Histórias

A ditadura das informações

Você já imaginou o Sr. Antônio Carlos Magalhães, Ministro das Comunicações, colocado no banco de réus? Imagine você, o Presidente da República sendo julgado por distribuir concessões de Rádio e TV aos amigos e parentes.

No último dia 30 de Outubro, no anfiteatro da Faculdade Metodista, em Rudge Ramos, foi exatamente isso que aconteceu. Realizou-se o primeiro "Tribunal das concessões de Rádio e TV", cujo objetivo era avaliar o atual sistema de outorga dos meios de comunicações eletrônicas.

No Brasil de hoje, só os apadrinhados do governo é quem têm o direito de instalar uma estação de rádio ou TV. Os poderosos de plantão trocam apoio político por concessões de veículos de comunicação radiofônicos.

Quem podia possuir Rádio e TV no governo Figueiredo? Obviamente os patidários do PDS ou quem lhes jurasse confiança. Assim Silvio Santos ganhou a concorrência do Sr. Victor Civita (dono da Abril Cultural), podendo

montar no canal 4, a SBT: Afinal "Figueiredo é coisa nossa"...

Muitos políticos ganharam do Figueiredo suas concessões em troca do apoio ao Sr. Paulo Maluf, quando na disputa com o Sr. Tancredo Neves pela presidência da República.

E com o advento da "Nova República" esse clientelismo (favorecimento) eletrônico acabou?... Claro que não! Apesar de trocarem os políticos que recebiam o direito de operarem as Rádios e TVs. Antes o PDS, agora o PFL e o PMDB.

Basta dizer que o deputado Sarney Filho (Qualquer semelhança com o presidente não é mera coincidência), de 85 pra cá, foi agraciado com três frequências de Rádio no Maranhão.

Mas porque as coisas são dessa maneira?... Porque o governo se utiliza das concessões de Rádio e TV para trocá-las por apoio político?

Primeiro, devido a competência exclusiva do Governo Federal para decidir quem pode e quem não pode

ser "dono" de uma frequência de Rádio e TV. Segundo, porque a Lei 4117 de 1.962 do Código Brasileiro de Telecomunicações, é extremamente dúbia no que se refere aos critérios de Concessões de Rádio e TV. Terceiro, devido a existência de um quarto poder no país, a Rede Globo, que dirige na prática a política de Comunicações no Brasil.

O "Tribunal das Concessões de Rádio e TV", organizado pelo Comitê Paulista pela Democratização das Comunicações, diante desse quadro condenou por unanimidade o atual sistema de Comunicações Eletrônicas. Esta iniciativa foi uma das primeiras que a Sociedade Civil inicia contra o Monopólio das Comunicações e Contra a Ditadura das Informações.

No próximo número, falaremos sobre a verdadeira história da Rede Globo, história marcada por Golpes, Trambiques e Falcატrus. Não perca!

Ass. Aedes Aegyptys, pelo Coletivo Dengue da Livre Produção Radiofônica.

A mentira de pernas curtas

Por que construir um jornal feito pelos próprios trabalhadores? Por que construir um jornal onde os próprios trabalhadores escrevam as suas denúncias, onde os próprios trabalhadores noticiem as suas lutas? A resposta é clara e está na foto ao lado. Esta foto, publicada pelo Diários de Osasco em 04/11/87, mostra muito bem o que é a grande imprensa, se é que se pode chamar de grande imprensa esse "jornal". Esta foto mostra de que lado estão os jornais sustentados pelos patrões. Esta foto falsificada mostra de que lado estão os jornais que não tem um pingo de vergonha em falsificar os fatos para proteger os poderosos, seus patrões. Esta foto mostra muita coisa, mas não mostra o nome da Braseixos, que estava na faixa ao lado de João Boiadeiro. Onde foi parar o nome da Braseixos? Foi vergonhosamente apagado da foto pelos lacaios de rabo preso com os patrões.

A "notícia" que acompanha essa falsificação grosseira não é menos vergonhosa. A Braseixos é tratada como "uma indústria de Osasco". Seu nome não aparece em lugar nenhum. E não é só. O jornalista a serviço dos patrões termina a "notícia" perguntado: "Você vai aguardar muito tempo?" João Boiadeiro respondeu aguentando mais cinco dias, aguentou porque era alimentado pela força e pela dignidade da classe trabalhadora. Força e dignidade que os patrões e seus lacaios nem imaginam o que sejam, mas um dia vão sentir na pele.



Coletivo de memória e livre criação radiofônica

Há alguns anos, vem ocorrendo no Brasil, a prática de Rádios Livres e menos um pouco as TVs Livres. Hoje busca-se a formação de um coletivo de Memória e Livre Criação Radiofônica.

No encontro de Rádios Livres e Radioamantes ocorrido no domingo, dia 18 de outubro, na Rua Barra Funda 797, perceberam a necessidade de uma maior produção de programas, de maior aproveitamento nas tecnologias disponíveis e ainda a ne-

cessidade de uma Livre Expressão individual de seus direitos, dentro de técnicas atuais de Rádio, TV e Vídeo.

Em proposta aprovada entre os participantes, ficou disponível um estúdio de gravação radiofônica para os participantes desse coletivo nos seguintes horários: Segundas e Quartas das 20 às 23 horas e às Sextas das 16 às 24 horas, na Rua Barra Funda 797, onde também está sendo criada uma fitoteca para

atuar como arquivo e estoque flutuante de programas radiofônicos entre rádios livres, bem como uma biblioteca onde se preservarão e poderão ser consultadas publicações técnicas e afins sobre rádios e TVs livres.

Criou-se ainda a expectativa de que diversos setores da sociedade usem o Rádio Livre como mais um canal de expressão de suas idéias e reivindicações, etc...

Assinado: Ricardo Lemos Muller